



Capa do disco *Ópera do Malandro*, de Chico Buarque de Hollanda

Imaginário e trabalho na Poesia de Chico Buarque de Hollanda – Operários, Prostitutas e Malandros.

Labour and Imaginary in the Poetry by Chico Buarque de Hollanda – Labourers, Whores and Scoundrels

Eliza da Silva Gomes de Oliveira

Doutor em Educação Brasileira pela UFRJ

Professor adjunto da Faculdade de Educação da UERJ.

Palavras-chaves

Imaginário social; trabalho; representações.

Key- words

Social Imaginary; labour; representations.

Resumo

A obra de Chico Buarque de Hollanda é extremamente fértil e próxima da realidade urbana brasileira. Expressa categorias do imaginário do nosso povo com notável acuidade crítica e sensibilidade poética. Tomando como foco central o trabalho, o presente ensaio aplica a metodologia da análise do discurso ao texto constituído pelas letras de músicas do autor entre 1964 e 1989, incluindo as do disco *Paratodos*, lançado em 1993.

Da referida análise surgiram três personagens enunciativos, trabalhadores que polarizam o texto: o operário, a prostituta e o malandro.

Abstract

Chico Buarque de Hollanda' s workmanship is extremely fertile and genuinely close to brazilian urban reality. It expresses the diverseness of categories that are enclosed in the imaginary of our folk with remarkable critical acuity as well as poetic sensitivity.

Regarding labour as being the central focus, the present essay applies the methodology based on the analysis of the text' s discursive which is constituted by the author' s musical letters considered between 1964 and 1989, including those contained in the record entitled *Paratodos*.

Three enunciative characters emerged from the above mentioned analysis, - labourers who brought polarity to the text -, as follows: the labourer, the whores (prostitute) and the scoundrel.

Imaginário e trabalho na Poesia de Chico Buarque de Hollanda – Operários, Prostitutas e Malandros.

Estudos que enfocam o imaginário social e as representações dele decorrentes são de grande atualidade e despertam o interesse de pesquisadores de diversas áreas da Ciência.

Quando se pode aliar uma abordagem desse teor à obra de um artista, o enfoque torna-se intensamente mais significativo e prazeroso.

Esta não é uma tentativa inédita – já há trabalhos enfocando a Literatura, as Artes Plásticas, o Cinema, a Poesia...

O desafio de realizar uma análise do discurso de Chico Buarque de Hollanda apresentou-se, para mim, como instigante. Tentei para que essa “leitura” tivesse uma ligação mais evidente com a Educação, fazê-la pelo viés da Pedagogia Social, tendo como categoria central o TRABALHO.

Esse mosaico definiu-se, tomou sentido e emergiram três “trabalhadores” pontuais na obra do poeta: o operário, a prostituta e o malandro.

Vamos, portanto, mergulhar nesse universo maravilhoso, que é a obra do poeta...

1- Os “personagens enunciativos” da obra.

Gente que conhece a prensa
A brasa da fomalha o guincho
do esmeril

Gente que carrega a tralha
Ai, essa tralha imensa chamada Brasil.
(Linha de Montagem, 1980)

À medida que a “leitura” do texto buarquiano se dava, através da análise do discurso, os significados relativos ao tema TRABALHO descortinavam uma “cena discursiva”, em que atores-falantes atuam e interagem.

Em El orden del discurso, Foucault demonstra na prática essa questão “cênica”, quando constrói um metadiscurso e se coloca, ele próprio, como um dos “atores”. “Gostaria que tivesse atrás de mim (tendo tomado a palavra há tempo, repetindo de antemão tudo

quanto vou dizer) uma vez que falasse assim: ‘Continue, porque não posso continuar, diga as palavras que tiver; até que me encontrem’; [...]’ (Foucault, 1980, p.9-10).

Os referidos atores denominei “personagens enunciativos”: são uma espécie de identidades circunstanciais, assumidas pelo autor do texto poético.

Não possuem a identidade alteregóica dos heterônimos de Fernando Pessoa, por exemplo, mas são fortes, apresentam a propriedade de aglutinar sentidos em torno deles.

Têm, guardadas as devidas proporções, o mesmo significado dos “arquetipos” na teoria de Jung: idéias primordiais, imagens constitutivas do inconsciente coletivo, comuns a determinados grupos. Em torno deles gravitam idéias, sentidos, símbolos.

Cheguei, então, a três “personagens enunciativos”, no que se refere ao TRABALHO, na obra de Chico Buarque. São eles o malandro, o operário e a prostituta.

Eles são os protagonistas dessa grande “comédia brasileira”, que se desenvolve em torno do trabalho e é retratada pelo autor.

PRIMEIRO PROTAGONISTA: O MALANDRO, TIPO BRASILEIRO CARACTERÍSTICO.

Que o malandro é o barão da ralé (A volta do Malandro – 1985)

As primeiras referências ao malandro vêm do início da obra, em 1965.

Ele é o Juca ...
[...] autuado em flagrante
Como meliante
Pois sambava bem diante
Da janela de Maria.

Numa típica expressão da forma como o brasileiro (em especial o carioca) lida com o autoridade, Juca argumenta que ...

O delegado é bamba
Na delegacia
Mas nunca fez samba
Nunca viu Maria.

Explicita, também, a forma “esperta” como o malandro dialoga e “passa a perna” na autoridade policial.

Mesmo nas alusões mais explícitas à violência e à arbitrariedade da ação policial,

essa ironia e essa rapidez de argumentação estão presentes.

A obra que contem o auge das referências ao malandro é o conjunto das músicas compostas para a *Ópera do Malandro* (adaptação da *Ópera dos Três Vinténs*), peça teatral transformada em filme, de 1985.

Esse personagem, exaltado na ópera (Max Overseas), se aproxima do que foi analisado por Antônio Cândido, a partir das *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. Ao caracterizar o personagem Leonardo Pataca, o identifica como malandro, "... espécie de um gênero mais amplo de aventureiro astucioso, comum a todos os folclores(...) manifestando um amor pelo jogo-em-si [...]" (Cândido, 1993, p. 71). Esse tipo brasileiro autêntico tem, para o autor, uma "certa ausência de juízo moral e na aceitação risonha do *homem como ele é*", mistura de cinismo e bonomia que mostra ao leitor uma relativa equivalência entre o universo da ordem e da desordem; entre o que se poderia chamar convencionalmente o bem e o mal" (p. 78-9).

O malandro é explicitamente ameaçado pela autoridade policial no "Hino da Repressão", apresentado em duas versões (uma para a peça teatral e a outra para o filme – 1979 e 1985).

A lei é apresentada como aquela que "tem ouvidos prá te delatar, nas pedras de teu próprio lar", ou "tem olhos de raio-x", ou ainda "tem faro de dobermann". É aquela que produz, no distrito, "farta sessão de afogamento, chicote, garrote e punção".

Todo esse aparato de uma lei cheia de "caprichos" volta-se contra o malandro, que "traz no bolso a contravenção, muambas, baganas e nem um tostão".

DRAMA	CATEGORIA	HERÓIS
Carnaval	folião = inversão = índios (marginais)	malandros = seres marginais e/ou liminais
Parada	soldado = brancos (superiores)	caxias = autoridades = leis = "quadrados"
Procissão	fiéis = negros (inferiores)	santo = romeiros = peregrinos = renunciadores

(Da Matta, 1990, p. 214-15)

Convém notar que a visão idealizada do malandro não está presente apenas na obra do autor que elegi para esse trabalho.

Da Matta (1990), ao estudar os tipos que caracterizam o nosso país, apresenta um triângulo de dramas e de heróis (figuras paradigmáticas) que os denotam.

O autor traça uma analogia entre o malandro e o carnaval (quadro página ao lado) [...] criar um 'Carnaval' significa basicamente procurar desempenhar o papel de malandro, e procurar insinuar-se num universo individualizado percebido pelo esqueleto hierarquizante da sociedade como muito mais criativo e livre (p. 216).

Ao apresentar a figura do malandro, e depois abordar o mito de Pedro Malasartes, da Matta o apresenta como "... um ser deslocado das regras formais, fatalmente excluído do mercado de trabalho, aliás definido por nós como totalmente avesso ao trabalho e individualizado pelo modo de andar, falar e vestir-se" (p. 216).

Semelhante valorização da malandragem foi encontrada por Violante (1983), ao estudar a identidade do menor internado na FEBEM.

Ao escrever o Dilema do decente malandro, a autora percebe a tensão entre o ser "regenerado" pela instituição, e conseqüentemente decente, ou ser "malandro".

Violante conclui que "no grupo de iguais, 'malandro' é aquele que rouba e fuma e consegue dissimular, não sendo flagrado. Esta é uma possível identidade a ser adquirida, uma vez que é valorizada no grupo, em contraposição ao 'vagabundo' ou 'bunda mole', aquele que é 'inexperiente na malandragem', que não aprendeu a sobreviver se protegendo" (p. 161).

Haveria, portanto, um sentimento de ser esperto, uma decência nessa "malandragem", desejada pelos menores considerados infratores e institucionalizados.

Os arranjos sociais que obstruem esses processos são atacados de várias formas. Tais formas são suprimidas, no entanto, por forças internas (superegóicas) ou externas (institucionais).

Talvez o superego do malandro possa ser caracterizado como estacionário, em alguns aspectos, em uma etapa situada entre o que Kohlberg chamou de "período pré-convencional" (noção de acerto e erro baseada nas conseqüências físicas observáveis) e o período do "hedonismo instrumental ingênuo" (interpretação inteiramente pragmática dos conceitos morais).

Há, no entanto, uma duplicidade interessante nessa formação moral: o malandro,

espécie de herói para os seus “pares”, distribui a justiça, arbitra questões, dentro de certos procedimentos morais típicos, como por exemplo:

- dívidas de jogo têm de ser pagas;
- não se pode “desacatar” outro malandro, sob pena de um confronto físico (o desacatado tem direito até de matar);
- não “dedurar” ou denunciar outros malandros;
- não bater em uma mulher que não seja a sua própria;
- não admite a traição feminina;
- a trapaça no jogo é válida, mas tem de ser bem feita para que o adversário não descubra (isso é ser “esperto”).

Uma faceta do anseio pela liberdade, característico do malandro, se apresenta no ódio sistemático ao trabalho, aos compromissos “com hora marcada” (o relógio é chamado de “bobo”, aquele que trabalha de graça), a ser chefiado, a receber ordens.

Em relação aos trabalhadores, a atitude é irônica e zombeteira mas, diferentemente do que acontece com as autoridades instituídas, surge uma espécie de sentimento de comiseração, de pena.

A ironia com o trabalhador pode ser exemplificada no *Desafio do Malandro* (1985), onde dois malandros se enfrentam, com o mote irônico: “Que grande malandro é você”. O confronto se dá em relação a “critérios de malandragem”, se assim podemos chamar.

– Vai ver que ainda vai virar trabalhador. Que horror.

Trabalho a minha nega e morro de calor.

Falta malandro se casar e ser avô.

E a disputa, que chega à abertura das navalhas, acaba em uma mesa de sinuca, com a aposta em dinheiro. A questão do dinheiro, constância nessa obra poética, aparece como o “dinheiro fácil”, ganho sem esforço pelo malandro, em contrapartida ao salário do trabalhador. É dinheiro de jogo, ou da aplicação de pequenos golpes.

Diz que eu ganho até folgado

Mas perco no dado

E não te dou vintém.

(*Fica*, 1965)

Esse dinheiro ganho “no dado”, “no taco”, é uma alternativa não incluída por Marx nos três grupos clássicos de formas de renda: “o capital rende cada ano ao capitalista um

lucro, a terra rende ao proprietário rural uma renda fundiária, e a força do trabalho – em condições normais e enquanto permaneça útil – rende ao operário um salário” (Marx, 1982a, p. 15).

Trata-se, na verdade, da forma como o malandro encara a vida (ludicamente como uma brincadeira, um grande jogo de sorte e azar).

O dinheiro do malandro é fruto de destreza, habilidade e esperteza. Em várias situações Chico Buarque o contrapõe ao salário. Este, marca registrada do trabalhador, é dor, sofrimento, desvalorização.

Outra questão fundamental é a sorte, que pode trazer dinheiro, mulheres e até mesmo preservar-lhe a vida.

Essa “sorte” do malandro é expressão do pensamento mágico, na sua vertente “superstição”. É típica do brasileiro, e o malandro a apologiza.

Embora viva “duro” (sem dinheiro), as coisas materiais desejadas lhe chegam num golpe de sorte. Para tal, no entanto, há rituais como colocar o lenço no bolso do paletó sempre da mesma forma, ou abrir e empunhar a navalha com determinada habilidade prestidigitadora, ou ainda excluir a mulher de certas atividades e eventos da malandragem, porque “dá azar” .

Essa leitura corresponde ao que Sullivan, conhecido psicanalista, chamou de “distorção paratáxica” da realidade. Usando uma lógica não consensualmente validada, o indivíduo estabelece relações de causa e efeito entre eventos. Fica dispensada a “prova da realidade”, função essencialmente egóica.

SEGUNDO PROTAGONISTA: O TRABALHADOR, IDENTIDADE OPOSTA À DO MALANDRO.

Tenho um peito de lata

E um nó de gravata

No coração.

Tenho uma vida sensata

Sem emoção.

(Cara a Cara, 1969)

Esse personagem aparece como uma espécie de anti-herói, contrapondo-se ao malandro, na obra poética analisada.

Não se trata de um confronto claro, em que os dois se digladiariam, mas de uma

oposição natural de características.

E o “inimigo natural” do trabalhador? Ele se expressa através do sofrimento, da angústia, da rotina, provocadas pelo próprio trabalho.

A questão do sofrimento causado pelo trabalho é constatada, de forma superficial, por obras clássicas da Psicologia aplicada às Organizações de Trabalho.

A Psicologia, no entanto, evoluiu bastante no estudo do tema. Silva (1986) já utiliza a terminologia “psicopatologia do trabalho”, constatando que “a fadiga patológica pode dar lugar a depressões profundas, crises de agitação psicomotora, reações psicóticas e outros quadros de sofrimento mental” (p. 69).

A autora aponta fatores determinantes desse quadro, facilmente confundível com outras manifestações psicopatológicas, a saber: o controle sofrido durante a execução do trabalho, a alienação (do trabalho e do trabalhador) e a fragmentação das tarefas.

Obras de conotação psicanalítica também trazem essa referência. Goux (1976), em suas observações sobre o modo de simbolizar capitalista, faz uma referência fundamental quanto à separação que o sistema capitalista realiza entre dinheiro (noção subjetiva, relacionada a ter e reter), e moeda (organização social de trocas econômicas).

Esse fato se explicita duramente no universo do trabalho, e o autor constata que “Los valores desaferrados, desafectados y escindidos, contituyen la abstracción capitalista” (p. 188).

Em trabalho recente, Sato (1995) diz que “assim, concluimos que para os trabalhadores o trabalho é penoso quando seu contexto gera incômodo, esforço e sofrimento demasiados, sobre o qual (contexto) ele não tem controle” (p. 53).

Identifica, no estudo do trabalho penoso, três tendências: estudos ligados à Fisiologia do Trabalho e Ergonomia (sofrimento vinculado ao espaço físico), estudos que abordam as condições de trabalho que provocam esforço e sofrimento mental e estudos que aliam as duas formas de sofrimento laboral (físico e mental).

Codo et al. (1995), ao pesquisarem sobre a “síndrome do trabalho vazio” em bancários, detectam “uma espécie de síndrome “esperando Godot”, isto é, a síndrome da longas esperas em vão” (p. 326).

A partir da aplicação do MMPI (Inventário Minesota de Personalidade), perceberam nos bancários, com mais de 30 anos, uma adolescência tardia. “A situação do ‘trabalho vazio’ tira do bancário a chance de se conhecer e se reconhecer plenamente no que faz, como Narciso no espelho quebrado” (p. 328).

Na poesia de Chico Buarque são múltiplas as referências a esse trabalhador sofredor.

Pude observar que ele se manifesta de duas maneiras, ou com duas identidades: em algumas obras é o burocrata; na maioria das vezes é o operário.

Vamos buscar primeiro o funcionário. Uma obra de 1981 (*Ela é dançarina*), tem como subtítulo “Eu quero dormir e ela precisa dançar”. Trata dos descompassos de regime de trabalho entre o casal, formado pelo funcionário e pela dançarina e do sofrimento dele pelo fato, ironicamente expresso:

O nosso amor é tão bom
O horário é que nunca combina.

Karl Marx cita um trabalho de Engels, *A situação das Classes Trabalhadoras na Inglaterra*, no texto d’*O Capital* (1982b). A citação diz respeito exatamente à rotina contundente, à infinitude e alienação, à circularidade do trabalho e seus efeitos sobre o trabalhador.

Diz Engels:

A lamentável rotina de um trabalho sem fim, onde o mesmo processo mecânico renova-se sem cessar, assemelha-se ao trabalho de Sísifo: o peso do trabalho cai sempre sobre o operário esgotado (p. 113).

Talvez em nenhum poema de Buarque o trabalhador autômato seja tão evidente quanto em *Cotidiano* (1971):

Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
[...]

Todo dia eu só penso em poder parar
Meio-dia eu só penso em dizer não
Depois penso na vida prá levar
E me calo com a boca de feijão.

Em *Cálice* (1973), letra proibidíssima pela censura, o Cristo-homem comum, desesperado, invoca o Pai:

Como beber dessa bebida amarga
Tragar a dor, engolir a labuta [...]

Ou em *Ano Novo* (1967), de forma bem mais amena, mas ainda a perplexidade frente a rotina imutável de um povo que é iludido:

Há muito tempo
 Que essa minha gente
 Vai vivendo a muque
 É o mesmo batente
 É o mesmo batuque
 Já ficou descrente
 É sempre o mesmo truque.

As questões da monotonia e da rotina no trabalho já foram exaustivamente estudadas pela Psicologia aplicada às organizações de trabalho e pela Ergonomia, pela Administração e pela Engenharia.

Essa limitação da criatividade, da alegria e do prazer no trabalho foi destacada também por Marx, que antepõe a automatização, o capital e o trabalho morto, à “força de trabalho viva” (1982b, p. 113-4).

Marx atribui a esses fatores, inclusive, o aumento dos chamados “acidentes de trabalho”.

Freud, que destacou o investimento libidinal do homem em “amar e trabalhar”, analisa o que pode acontecer quando se vê diminuída a intensidade do instinto e a força do Ego: “Sí ésta disminuye, sea por enfermedad o fatiga o por alguna otra causa parecida, todos los instintos que han sido hasta entonces domeñados com éxito pueden renovar sus exigencias y tender a obtener satisfacciones sustitutivas por caminos anormales” (Freud, 1981a, p. 3346).

Como causas assemelhadas à fadiga, causadoras do enfraquecimento do Ego, Freud destaca, em “nota de rodapé da página”, o excesso de trabalho.

Não é possível falar em sofrimento no trabalho sem uma referência a Hannah Arendt, filósofa e pensadora política alemã.

Analisando a afirmação marxista “o trabalho criou o homem”, encontra desdobramentos importantes: o desafio a Deus, como Criador da humanidade; a colocação da condição humana como fruto da própria atividade do homem, do trabalho; a afirmação de que o homem é um “animal laborans”, e não um “animal rationale”.

Esse ataque à ênfase excessiva na razão é consubstanciada em: “... não é a razão, até então o atributo máximo do homem, mas sim o trabalho, a atividade humana

tradicionalmente mais desprezada, aquilo que contém a humanidade do homem” (Arendt, 1991, p. 49).

Em *A Condição Humana*, em que diferencia as esferas pública e privada, Arendt conceitua labor, trabalho e ação.

Ela intitula um dos capítulos desse livro de “O Labor do nosso corpo e o trabalho das nossas mãos.” Embora critique Marx em muitos aspectos, a autora constata que, na era moderna, nenhuma outra teoria conseguiu se aproximar tanto da distinção entre “animal laborans” e “homo faber”.

A distinção entre trabalho produtivo e improdutivo, que evolui para a diferenciação entre trabalho qualificado e não-qualificado, e finalmente entre trabalho manual e intelectual, permitem a distinção fundamental entre trabalho e labor.

O labor, para Hannah Arendt, está intimamente ligado ao consumo. Tudo que é produzido pelo labor alimenta de imediato o processo da vida humana, a sua preocupação fundamental e imediata é com os meios da própria reprodução: “... é típico de todo labor nada deixar atrás de si” (Arendt, *op. cit.*, p. 98).

Não é de espantar, portanto, que o labor, que produz essencialmente objetos de consumo, seja identificado com a dor e o sofrimento: “...o processo do labor move-se sempre no mesmo círculo prescrito pelo processo biológico do organismo vivo, e o fim das “fadigas e penas” só advém com a morte desse organismo” (Arendt, *op. cit.*, p. 109).

Para a autora há um labor humano, o mais necessário, que se transforma em trabalho durante o processo. Trata-se do cultivo da terra, que “deixa atrás de si algum produto que sobrevive à própria atividade e constitui adição durável ao artifício humano: a mesma tarefa, executada ano após ano, terminará por transformar o solo inculto em terra cultivada” (Arendt, *op. cit.*, p. 151).

Terminada essa introdução, em que alguns autores se manifestaram sobre a rotinização e o sofrimento no trabalho, convém destacar que a figura do trabalhador aparece em duas versões na obra de Chico Buarque: o burocrata e o operário.

O burocrata esmagado pela rotina, que tem “um nó de gravata no coração”, é o símbolo da pequena burguesia, criticada duramente por Buarque.

Esse grande processo da “alienação”, historicizada e analisada por Marx, aponta para o trabalho fixado em um objeto “que se fez coisa”, e desdobrado em aspectos como:

- a alienação do trabalhador em relação ao produto do próprio trabalho;
- na própria atividade produtiva, no ato da produção, na realização do “trabalho forçado”;

- alheamento da vida genérica, provocando o estranhamento do próprio corpo, da natureza, da “essência humana”;
- a alienação do homem em relação aos outros homens.

Esse trabalhador empobrecido e docilizado, oprimido pelo “trabalho objetivado”, vivência relações sociais também empobrecidas, é o “idiotismo do ofício” (Marx, 1973, p. 205).

Trata-se de uma subordinação real ao capital analisada de forma interessante por Mephram et al. (Brighton Labour Process Group). Eles falam da subordinação formal, em que o capital ainda não exerce firme controle sobre a produção. Nessa modalidade, o trabalhador ainda desenvolve certas relações com as condições de trabalho.

Há uma segunda modalidade de subordinação, característica do modo capitalista maduro de produção. É a subordinação real do trabalho ao capital, que envolve quatro aspectos: “trabalho assalariado (trabalhadores sem nenhum acesso aos meios de subsistência exceto através da venda da força de trabalho); meios de produção sob a forma de mercadorias; meios de subsistência sob a forma de mercadorias; o produto sob a forma de mercadorias” (Mephram et al., 1991, p. 20).

A poesia de Buarque em *Deus Ihe Pague*, de 1971, ilustra esse conceito:

Por esse pão prá comer, por esse chão prá dormir
 A certidão prá nascer e a concessão prá sorrir
 Por me deixar respirar, por me deixar existir
 Deus Ihe pague.

A letra de *Construção* (1971) trata desse trabalho que chega à “situação-limite” da morte. O faz com grande intensidade dramática e a circularidade do poema, a utilização de antíteses e metáforas elaboradas e o uso de proparoxítonas são bastante características dessa época da obra de Buarque.

O trabalhador da “Construção” constitui a mais clara referência buarquiana ao trabalhador, na sua “versão operário”.

É ele esse homem, máquina, sólido, príncipe, pássaro, naufrago, máquina, bêbado.

É ele o seu fim, assemelhado a um pacote. É ele que, ao perder com a morte a condição de vendedor da força de trabalho, passa a obstruir o processo da produção. Passa, então, a “atrapalhar” o tráfego, o público, o sábado.

Esse trabalhador não tem mais nada para vender, pois a morte roubou-lhe a força de trabalho.

Ainda a partir do poema “Construção”, podemos evocar outros conceitos importantes, quando se fala de trabalho: os de reificação e de fetichismo.

Ambos se referem a características do modo capitalista maduro de produção, na visão do Brighton Labour Process Group, citado anteriormente – a ligação entre os meios de produção, os meios de subsistência e o próprio produto do trabalho, e o conceito de mercadoria.

Assim, a reificação levaria à transformação das relações sociais em coisas. Essa mistificação bastante real é consubstanciada pelo capital.



Capa do álbum *Opera do Malandro*

O fetichismo constitui o fenômeno pelo qual se atribui qualidades sociais às coisas, personalizando-as.

A teoria da alienação desenvolvida por Marx evoluiu na maturidade do filósofo, sob a forma da teoria da reificação. Ela constitui uma fundamentação materialista para o entendimento do processo de construção da realidade.

Essa “falsa consciência” não é na realidade nenhum delírio, mas uma inversão, um falseamento da própria realidade gerando representações correspondentes.

Isso justifica todos os “como se fosse”, usados por Buarque em *Construção...* Até ter única mulher e um único filho; até fazer desenhos mágicos com os tijolos; até sentir-se um príncipe ou um pássaro; até ver-se como outra pessoa, como o próximo...

Outra questão premente no texto analisado foi a do tempo livre, do lazer em anteposição ao trabalho.

Nas poesias de Chico Buarque são constantes as referências à necessidade desse tempo. O trabalhador se diverte através do samba, do futebol, da cerveja, da cachaça, do bar, do domingo, da feijoada, dos amigos... Momentos de prazer, que se antepõem à dor, à rotina e à opressão do trabalho.

Trata-se da ansiedade da espera pelo ócio do domingo...

[...] Dou duro toda a semana
Senão pergunte à Joana
Que não me deixa mentir
Mas, finalmente é domingo
Naturalmente, eu me vingo
Eu vou me espalhar por aí
[...]

Vou que vou

Pela estrada que dá numa praia dourada
Que dá num tal de fazer nada
Como a natureza mandou.

(*Bom tempo*, 1968)

Trata-se do momento tenso da greve ...

Samba samba são Bernardo
Sanca são Caetano
Santa santo André
Dia-a-dia diadema
Quando for, me chame
Prá tomar um mé.

(*Linha de Montagem*, 1980)

Ou do encontro do operário com a amada, tecelã, em um *Primeiro de Maio*...

Ele ...

Vai sorrindo, vai aflito
Prá mostrar, cheio de si
Que hoje ele é senhor das suas mãos
E das ferramentas.”

Ela, quando a sirene não apita...

“... acaba mais bonita

Sua pele é sua chita, seu fustão
É, bem ou mal, o seu veludo

É o tafetá que Deus lhe deu
 E é bendito o fruto do suor
 Do trabalho que é só seu.
 (*Primeiro de Maio*, 1977)

TERCEIRO PROTAGONISTA: A PROSTITUTA – IDENTIDADE MARGINAL DE TRABALHADOR

Eu cobro meia entrada
 Da estudantada que não tem vez
 Aqui no meu teatro
 Grupo de quatro paga por três
 (...) Faço qualquer negócio
 Passo recibo, aceito cartão
 Faço facilitado, financiado
 E sem coração...
 (*Mambordel*, 1975)

As poesias de Chico Buarque de Hollanda delineiam um universo “paralelo” ao mundo do trabalho formal, de modo claro e característico.

Desfila pela obra o *Pivete* (1978) que vende chiclete no sinal fechado, capricha na flanela e aponta um canivete. O mesmo pivete é descrito pela mãe em *Meu Guri*, de 1981. Esse rebento, que nasceu quando “não era o momento dele rebentar”, nasceu com cara de fome, sem nome, mas jurava “que chegava lá”.

Quando chega do “batente”, “suado e veloz”, traz sempre algum presente para a mãe: corrente de ouro, relógio, gravador e até mesmo “uma bolsa já com tudo dentro...”.

Mais que esse “jovem trabalhador” pontifica, pela freqüência e relevo, o nosso terceiro protagonista – a prostituta.

As mulheres são sempre personagens fortes na obra de Buarque. Já foi suficientemente destacada, inclusive, a sensibilidade feminina do autor. Esta lhe permite intensa empatia e compreensão do universo da mulher.

A prostituta é sempre companheira do malandro, dá-lhe dinheiro e sente profundo ciúme daquele que ela chama “seu homem”, e não admite dividi-lo com outras.

Assim, temos Mimi Bibelô e as “meninas dos bordéis” da *Ópera do Malandro* (1985); a Ana de Amsterdam de *Calabar* (1972-73), a “dos vinte minutos”, “do dique e das docas” ,

“de Cabo a Tenente”; a Nancy do *Corsário do Rei* (1985); a Lily Braun do *Grande Circo Místico* (1982).

Todas essas mulheres fazem parte do tão decantado ‘universo feminino’ de Chico Buarque de Hollanda.

Em 1969, quando escreveu *Umas e Outras*, teve a ousadia de descrever o encontro de uma prostituta e de uma freira.

Em um paralelo de antíteses, bem ao gosto do autor, a “uma” do título da música é a freira, que nunca tem sorriso, se reserva e espera o paraíso, sem jamais poder desabafar.

Sua vida é comparada a um rosário interminável e ela precisa, de vez em quando, sentar e chorar:

Que dia! Nossa, prá que tanta conta
Já perdi a conta de tanto rezar.

A “outra” é a prostituta, que não tem paraíso, que forjou próprio sorriso, para fazer dele profissão.

Sua vida é como uma dança em que não pode escolher o par e ela precisa, de vez em quando, sentar e chorar:

Que dia! Puxa que vida danada

Tem tanta calçada prá se caminhar.

Mas as duas mulheres têm em comum o encontro na rua, de madrugada, quando uma “já sonhou com Deus”, e a outra “já deitou com os seus”.

As duas, separadas pela sorte, olham-se com a mesma dor:

Que dia! Cruzeis, que vida comprida
Prá que tanta vida prá gente desanimar.

As referências mais explícitas à relação entre prostituição e trabalho, no entanto, encontram-se nas letras compostas para a *Ópera do Malandro*.

Trabalho, sim, como descreve Buarque em sua poesia. Trabalho informal, sub-remunerado, incorporado ao “último resíduo da superpopulação relativa”, no dizer de Marx.

Las Muchachas de Copacabana (1985) conta a clássica história da moça do interior que trabalha na cidade grande, como prostituta, mas esconde o fato da família.

Para o cliente, múltiplas identidades (rumbeira, baiana, cubanita, amazona, mexicana, havaiana, pecadora, muçulmana etc.).

Para a mãe,

Mamãe

Pro mês eu lhe mando umas economias
Lembrança da filha
Que brilha aqui na capital
É uma estrela internacional.

A mulher de *Folhetim* (1977-78), se apresenta:

[...] Sou dessas mulheres
Que só dizem sim
Por uma coisa à toa
Uma noitada boa
Um cinema, um botequim
E, se tiveres renda
Aceito uma prenda [...]

Ela promete ao cliente fazer-lhe as vontades, dizer-lhe meias verdades, fazê-lo supor, vaidoso, que é o maior e que a possui.

Nenhum momento, porém, é mais explícito ao relacionar as prostitutas aos trabalhadores do que quando as “funcionárias” de Duran, o “cafetão”, resolvem entrar no processo de modernização da “empresa” de que fazem parte:

Vamos participar
Dessa evolução
Vamos todos entrar
Na linha de produção
Vamos abandonar
O sexo artesanal
Vamos todas amar
Em escala industrial
(*Ópera*, 1977-78)

Bem, depois dessa passagem da manufatura para o “modo sexual fabril”, se assim podemos

dizer, considero bastante caracterizados os três protagonistas que pude detectar na obra de Chico Buarque de Hollanda.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dormia
 A nossa pátria mãe tão distraída
 Sem perceber que era subtraída
 Em tenebrosas transações
 Seus filhos
 Erravam cegos pelo continente
 Levavam pedras feito penitentes
 Erguendo estranhas catedrais
 E um dia afinal
 Tinham direito a uma alegria fugaz
 Uma ofegante epidemia
 Que se chamava carnaval.
 (*Vai Passar*, 1984)

Preferi o título acima, em vez de conclusões, porque nunca me pareceu tão difícil falar de trabalho, no contexto brasileiro, como agora.

As “tenebrosas transações” do texto em epígrafe, não terminaram absolutamente com o período colonial da nossa história (terá ele algum dia realmente terminado completamente?), e as condições atuais que rodeiam a realidade do trabalho são muito complexas.

Mas, vamos às tais considerações ...

Espero que as relações de sentido configuradas (de confirmação, de antagonismos, de implicação, de reciprocidade) permitam o acesso ao imaginário da obra do poeta, no que se refere ao universo das relações de produção na nossa sociedade.

É claro que, em se tratando de uma obra poética, corre-se o risco apontado por Marlene Guirado de que a análise do discurso, como qualquer forma de análise, “[...] ‘amarraria’ a dimensão estético-poética” (Guirado, 1995, p. 90).

Espero, porém, que o cuidado de não formalizar em excesso a análise não tenha atribuído à mesma um caráter de pouca precisão, ou de precariedade.

Do universo poético de Buarque emergiu um fascinante recorte do trabalho, dos seus personagens e das suas nuances na nossa realidade.

Reservei três poesias, para mim as mais características desses protagonistas, para o “fechamento” do artigo.

Ele não se propõe a trazer respostas, mas a auxiliar o processo de problematização do universo do trabalho, em que nos achamos inseridos.

O primeiro protagonista, o malandro, apresenta-se miticamente como fundição de vários traços: a felicidade pela ausência do trabalho, a presença de espírito e a esperteza, que lhe permitem solucionar todas as situações complexas da vida.

Representa a liberdade diante dos compromissos e das autoridades, a sorte no amor e no jogo, o sucesso e o respeito diante dos companheiros e das mulheres.

É o brasileiro do “jeitinho”, que consegue ser feliz nas condições mais adversas.

No entanto, segundo Buarque, já fica difícil homenagear esse malandro, que aos poucos não existe mais, ou vai sendo substituído por outro tipo de malandragem:

Agora já não é normal
O que dá de malandro regular, profissional
Malandro com aparato de malandro oficial
Malandro candidato a malandro federal
Malandro com retrato na coluna social
Malandro com contrato, com gravata e capital
Que nunca se dá mal.
(*Homenagem ao Malandro*, 1977-78)

Em obra posterior, no entanto, o poeta retoma o personagem, que não morreu:

Eis o malandro na praça outra vez
Caminhando na ponta dos pés
Como quem pisa nos corações
Que rolam dos cabarés
Entre deusas e bofetões
Entre dados e coronéis
Entre parangolés e patrões

O malandro anda assim de viés.

(*A volta do Malandro*, 1985)

Esse malandro buarquiano, mítico, nada mais é que a resposta à moral judaico-cristã, que apresenta o trabalho sempre de forma dolorosa e negativa: penitência para amenizar a severidade do pecado original, esforço para satisfazer necessidades, perda irreversível da liberdade.

Ele “revira” o trabalhador capitalista, coletivo, submetido ao poder do capital, mero vendedor da sua força de trabalho, objetificado, submetido e alienado da realidade do seu próprio trabalhador.

Tudo o que foi dito no parágrafo anterior, o inverso completo do que o malandro simboliza, está no segundo personagem delineado: a figura do trabalhador.

Bastante significativa é a pesquisa realizada por Sato (1993) sobre a representação social do trabalho penoso, diferente de trabalho insalubre, ou de trabalho perigoso.

O trabalho “penoso” causa sofrimento psíquico e requer a criação de defesas especiais (individuais e coletivas) para ser suportado.

Trabalhando com motoristas e cobradores de ônibus, estes, ao se sentirem irritados demais, declaram-se “traspassados”, perdem os padrões norteadores da situação social, “são capazes de tudo”.

A autora percebe essa “situação-limite” como “...a ruptura do equilíbrio entre a familiaridade, o poder e o limite subjetivo, sendo ela a expressão da impossibilidade do exercício do controle. É a expressão de uma exigência do trabalho, maior do que o trabalhador suporta. É a transgressão do limite subjetivo” (Sato, 1993, p. 202).

Essa vinculação entre trabalho e rotina, cansaço, sofrimento, se dá. Ele tem de ser suportado, “engolido”, pela necessidade de sobrevivência.

Seja sob a forma de funcionário, seja como operário, o trabalhador é sempre um *Pedro Pedreiro* para Chico Buarque de Hollanda.

Foi essa a letra que reservei para esse “fecho”, em nada conclusivo.

O Pedro, pedreiro sem vintém, espera o trem. Apenas espera e pensa (“penseiro”), inerte em seu esmagamento pelo mundo das relações de produção, pelo capital escravizante, dominador.

A única esperança – aflita, bendita, infinita – é representada pelo trem “que já vem, que já vem...”, mas que nunca chega.

A imobilidade é marcada pelo binômio verbal pensando/ficando:

Pedro pedreiro fica assim pensando
 Assim pensando o tempo passa
 E a gente vai ficando prá trás
 Esperando, esperando, esperando...
 (*Pedro Pedreiro*, 1965)

Também marcam contundentemente a inércia do trabalhador a repetição do velho esperar (07 vezes), do gerúndio esperando (36 vezes) e do substantivo espera (02 vezes).

Um dos aspectos mais significativos da vida desse pobre – pedreiro – Pedro, são as referências à circularidade de um tempo que parece não passar. Lembra o processo de circularidade da Macondo de “Cem Anos de Solidão”, marcada apenas pela sucessão das gerações da família. O sentimento de deterioração experimentado também é semelhante.

E, nesse esperar que não tem fim ...

Esperando o dia de esperar ninguém
 Esperando enfim nada mais além
 Da esperança aflita, bendita, infinita
 Do apito do trem.
 (*Pedro Pedreiro*, 1965)

Fica bastante caracterizada a organização capitalista do processo de trabalho: fragmentado e desqualificado, rigidamente controlado em seu aspecto hierárquico, dividido em trabalho intelectual e manual.

Imerso nesse contexto está o operário Pedro, que não queria mais esperar nada, ou ninguém. Nem mesmo o filho, outro rebento que virá “quando não era hora dele rebentar”.

Fecha-se assim o círculo introduzindo o terceiro universo, que trata da marginalidade ao mundo do trabalho.

É o mundo dos pivetes, biscateiros, prostitutas, bóias-frias, camelôs, ajudantes, flanelinhas, freqüentado por uma parcela imensa de brasileiros.

Brasileiros a quem, segundo Chico Buarque, Deus “pregou uma peça”:

Deus é um cara gozador, adora brincadeira
 Pois prá me jogar no mundo, tinha o mundo inteiro
 Mas achou muito engraçado me botar cabreiro

Na barriga da miséria, eu nasci brasileiro.

(*Partido Alto*, 1972)

Desse contexto surge o terceiro protagonista buarquiano, no que concerne ao trabalho: *a prostituta*.

Historicamente inserida na vida da humanidade, a prostituta toma cores e delineamentos bem brasileiros: a mulher do porto, a dançarina do “dancing”, “aquela” da rua, a mulher das calçadas, a que “dá prá qualquer um”, a que esconde a “profissão”.

Na análise que efetuei, a composição de Buarque que melhor apresenta a relação entre a prostituição e o trabalho é *Viver do Amor*, escrita para a *Ópera do Malandro*.

Em uma espécie de “rito de iniciação” de uma colega de trabalho, que vai estreiar na profissão, as prostitutas apresentam-lhe os cânones fundamentais do ofício:

Prá se viver do amor
 Há que esquecer o amor
 Há que se amar
 Sem amar
 Sem prazer
 E com despertador
 como um funcionário
 Há que penar no amor
 Prá se ganhar no amor
 Há que apanhar
 E sangrar
 E suar
 Como um trabalhador.
 (*Viver do Amor*, 1977-78)

Assim, concluo essa “visita”, de cunho analítico, aos mitos relativos ao trabalho, na obra do grande poeta da música popular brasileira, Chico Buarque de Hollanda.

Mas afinal, que conclusão posso tirar desse trabalho? Recorrer à obra de poetas para ilustrar conceitos teóricos não é nenhuma novidade.

A minha preocupação se refere à privação do direito ao trabalho, ao fenômeno do desemprego e do que as pessoas andam fazendo para sobreviver.

Essa questão passa primordialmente pela discussão do relacionamento entre trabalho e cidadania. Passa pela ação dos educadores, como diz Ferreira em obra recente:

A cultura relativiza o político, na medida em que este não consegue se livrar das fantasias, mitos, ilusões, fantasmas e crenças que existem no imaginário social. [...] A partir dessas crenças e ilusões é que se pode trabalhar o cidadão com projetos de uma sociedade melhor, forjando um homem com utopias. A partir do diagnóstico da crise em que vivemos: crise de valores, de âmbito nacional e internacional, crise nas crenças que sustentam uma sociedade descrente (Ferreira, 1993, p.228).

É pena que o poeta Chico Buarque ande mais voltado ultimamente para a literatura do que para a música.

Seria interessante observar e ampliar a leitura desses trinta anos do imaginário buarquiano, incluindo reflexões sobre o que acontece hoje no Brasil em relação ao trabalho.

Embora não comungue de várias críticas feitas por Konder e Marx, acho pertinente incluir uma citação de “O Futuro da Filosofia da Práxis”: “O que podemos enxergar na situação atual é um crescimento considerável do setor terciário na economia, um aumento impressionante no setor de serviços. O que podemos ver é o aparecimento de grupos instáveis e camadas de difícil definição, proliferando entre o proletariado e a burguesia [...]” (konder, 1992, p. 134).

Concordo com o filósofo, quando conclui que isso não significa em absoluto o fim da luta de classes, mas uma sofisticação da mesma.

Não percebo, no entanto, que tal fenômeno evidencie uma presença mais marcante das classes médias, em relação aos estudos de Marx.

Pelo contrário, o que parece acontecer no Brasil é uma recessão econômica de porte, que penaliza as camadas médias da população e gera ilusões de consumo e falsas promessas de melhores condições de vida.

Muito lúcida é a análise de Chomsky, em entrevista a Linhares e Garcia (1996). Tentando responder a perguntas sobre o futuro dos nossos jovens, sobre o projeto de Brasil na atualidade, entrevistaram vários intelectuais.

O depoimento de Noam Chomsky é de profunda atualidade: “O desemprego é uma consequência da internacionalização do capital e da economia com crescimento baixo. Enquanto houver uma economia de baixo crescimento, haverá desemprego” (p. 45).

Chomsky fala da existência de 14 trilhões de dólares de capital financeiro não

regulamentado no mundo, desejando um crescimento baixo. E conclui: “[...] e se qualquer país – mesmo um país rico como os EUA – tentar estimular a economia, um trilhão de dólares podem sair dele da noite para o dia, forçando as taxas de juros para cima e provocando o declínio da economia e o colapso de países como o Brasil e o declínio dos EUA. Isso paralisa o crescimento dos programas sociais” (Chomsky, 1996, p. 45-6).

Os efeitos desses fenômenos sócio-políticos e econômicos, sobre o homem, são de total interesse da Educação e da Psicologia.

É fundamental que psicólogos e educadores atentem para as realidades do mundo da produção, buscando melhor entender o homem de hoje:

E a palavra final?

A palavra final não poderia deixar de ser de Marx...

A lei enfim que mantém sempre o equilíbrio entre a superpopulação relativa ou o exército industrial de reserva, de uma parte, e a extensão e a energia da acumulação, de outra, prende o operário ao capital mais solidamente do que a cadeia de Vulcano prendia Prometeu em seu rochedo. Ela supõe uma acumulação de miséria para corresponder à acumulação do capital. A acumulação de riquezas num pólo significa, pois, a acumulação de misérias, de sofrimento, de escravidão, ignorância, embrutecimento e degradação moral no pólo oposto (Marx, 1982c, p. 170)

No Brasil atual, globalizado, atualizado, neo-liberalizado, onde se negociam os votos, onde se matam trabalhadores sem-terra, desempregam-se pessoas, acenando-lhe com as benesses do mercado terciário e informalizado ...

Nesse Brasil pobre, *malandros, operários e prostitutas* ...

Pobres heróis buarquianos ...

Bibliografia

ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

CANDIDO, Antônio. *Dialética da Malandragem. O Discurso e a Cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

CHOMSKY, Noam. Entrevista. LINHARES, Célia F. & GARCIA, Regina L. *Dilemas de um final de Século: o que pensam os intelectuais*. São Paulo: Cortez, 1996.

CODO, Wanderley et al. A síndrome do trabalho vazio em Bancários. CODO, Wanderley & SAMPAIO, José Jackson C. (org.). *Sofrimento psíquico nas organizações: saúde mental*

e trabalho. Petrópolis: Vozes, 1995.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

FERREIRA, Nilda T. *Cidadania: uma questão para a Educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FOUCAULT, Michel. *El Orden del Discurso*. Barcelona: Tusquets Editores, 1980.

FREUD, Sigmund. Analisis Terminable e Interminable. FREUD, S. *Obras Completas*. Tomo III. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

GOUX, Jean-Joseph. Observaciones sobre el modo de Simbolizar Capitalista. S.n.t.

VERDIGLIONI, Armândo (org.). *Locura y sociedad segregativa*. Barcelona: Anagrama, 1976.

GUIRADO, Marlene. *Psicanálise e Análise do Discurso: matrizes institucionais do sujeito psíquico*. São Paulo: Summus, 1995.

KONDER, Leandro. *O Futuro da filosofia da Práxis: o pensamento de Marx no século XXI*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MARX, Karl. *Miseria de la Filosofia*. Madrid: Aguilar, 1973.

———. Mercadoria, Preço e Lucro. BORCHARD, Julian. *O Capital – Edição Resumida*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982(a).

———. Efeitos desses progressos na situação da classe operária. BORCHARD, Julian. *O Capital – Edição Resumida*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982(b).

———. O efeito da acumulação sobre os operários. O exército industrial de reserva. Teoria da pauperização. BORCHARD, Julian. *O Capital – Edição Resumida*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982(c).

MEPHAM, John et al. (Brighton Labour Process Group). O processo de trabalho capitalista. In: SILVA, Tomaz T. (org.) *Trabalho, Educação*. S.n.t.

SATO, Leny. A Representação Social do Trabalho Penoso. In: SPINK, Mary Jane (org.). *O Conhecimento no Cotidiano: as representações sociais na perspectivas da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CODO, Wanderley & SAMPAIO, José Jackson C. *O conhecimento do trabalhador e a teoria das Representações Sociais*. S.n.t.

SILVA, Edith S. Crise econômica, trabalho e saúde mental. In: —. *Crise, Trabalho e Saúde Mental no Brasil*. São Paulo: Traço, 1986.

VIOLANTE, Maria Lúcia V. *O Dilema do decente Malandro*. São Paulo: Cortez, 1983.